

A PSICANÁLISE NA NOSSA MODERNIDADE

Ney Branco de Miranda
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Tendo em vista apresentar uma concepção da psicanálise que, além de situá-la como eminentemente adequada às exigências dos tempos contemporâneos, a diferencie essencialmente das terapias da psiquiatria biológica, assim como das cognitivo-comportamentais, introduzimos a noção de reflexividade. Ela nos serve para caracterizar tanto os tempos modernos em que vivemos e desenvolvemos nossa identidade, como o nexo próprio ao trabalho psicanalítico como um todo. A partir disso, é possível conceber a psicanálise como uma clínica extremamente apropriada ao tratamento do homem atual.

Palavras-chave: Psicanálise; reflexividade; modernidade.

PSYCHOANALYSIS IN OUR MODERNITY

Abstract: Taking into account the presentation of a psychoanalysis concept which, apart from focusing on it as eminently adapted to contemporary requirements, essentially differentiates from the biological psychiatry therapy and from the cognitive and behavioral one. We introduce hereby the reflexivity notion. It can be applied both to characterize modern times in which we live, and to develop our identity and the typical link of the psychoanalytical work as a whole. Hence, psychoanalysis can be conceived as a clinical practice highly appropriate to the treatment of mankind nowadays.

Keywords: Psychoanalysis; reflexivity; modern.

A Psicanálise na nossa modernidade

Nos dias que correm, virou moda tentar neutralizar a psicanálise por meio de um recurso tornado quase banal: ela, filha do início do século, não tem mais nada a nos oferecer hoje, pois, nas portas do XXI, a ciência, representada com êxito pela psiquiatria biológica, municiada de instrumentos eficientes - coisa que aliás só recentemente ocorreu - dá conta do que foi outrora seu recado com verdadeira eficácia, sobretudo quando somada a um retoque cognitivo-comportamental.

Não é nossa intenção colocar em dúvida os efeitos desses tratamentos, tão decisivos na clínica médica e psicológica, para confrontá-los com a psicanálise. Queremos apenas questionar a avaliação da inatualidade da psicanálise e mostrar aqueles que pretendem substituí-la sem perdas por outros recursos, acreditando com isso terem feito todo o serviço

importante necessário ao homem de nosso tempo, que eles deixam escapar algo de, verdadeiramente, fundamental.

Mas, gostaríamos de fazer o prometido por uma via que evitasse os impasses de sempre: visão psicanalítica da patologia em relevo versus visão psiquiátrica antagônica, levando a quase nada. Preferimos arriscar uma discussão que mostre o que a psicanálise, efetivamente, faz e que as outras disciplinas mencionadas, realmente, não fazem, nem, diga-se de passagem, querem fazer.

Em nossa opinião, um dos melhores modos de fazer isso é sair, inicialmente, do campo da psicanálise para depois voltar a ele. Acreditamos que, através de uma caracterização, mesmo que breve e indicativa, de alguns dos traços essenciais de nossa época,

poderemos apreender o nexos que torna a disciplina criada por Freud atual e indispensável.

Mas, isso pode colocar para alguns uma dificuldade inicial. O recurso do qual lançaremos mão não é, ele mesmo, dos mais difíceis de estabelecer, na medida em que não há consenso sobre o assunto? Afinal, como caracterizar o tempo em que vivemos? Ele é moderno ou pós-moderno? Em meio a tanto barulho, resta fazer uma opção de enfoque e apostar em seus efeitos explanatórios.

De todos os autores que discutem a época contemporânea, o sociólogo Anthony Giddens é o que propõe, em nossa opinião, a compreensão global mais completa e acertada. Autor de vasta obra que nega, em vários níveis, a discussão da atualidade em termos de pós-modernidade, seus trabalhos passam pela formulação de uma teoria social ao estudo de questões tão próximas como o das modificações da intimidade. É, na sua definição central de modernidade reflexiva, que encontramos material farto para o argumento que pretendemos desenvolver.

São muitas as apresentações que Giddens faz de seu conceito. Talvez a melhor aproximação deva começar pela fonte genérica da reflexividade social como um todo, ou seja, a monitoração reflexiva da ação. Para o pensamento de Giddens, os homens estão, inescapavelmente, vinculados às bases de seu fazer naquilo que será a sua ação futura. O que marca a modernidade como reflexiva, no entanto, e que a diferencia da monitoração ou acompanhamento da ação própria às sociedades tradicionais - onde a experiência e o agir estão integrados a um contexto assegurador estável - é que a reflexão encontra-se no fundamento mesmo da reprodução do sistema social como um todo. Em seu trabalho sobre as consequências da

modernidade Giddens, afirma que “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são, constantemente, examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (Giddens, 1991). As atividades e experiências humanas estão agora, mais do que nunca, sempre num contexto de sua próxima modificação.

O aspecto mais importante para a nossa discussão reside justamente na extensão do processo identificado e nas suas consequências diretas sobre nós: todos os âmbitos da vida social estão penetrados pela reflexividade. Da atividade econômica à condução de nossa vida pessoal, ir adiante no nosso mundo social envolve sempre e intensamente a reformulação das práticas em questão em função de uma gama de conhecimentos reflexivamente incorporados.

Esta visão interessa de perto ao psicanalista, e como queremos fazer ver, corretivamente, ao eventual crítico da psicanálise. Uma decorrência importante para nós psicanalistas é que, como salienta Giddens em seu trabalho sobre a modernidade e identidade do eu, agora a reflexividade que é própria ao nosso tempo alcança o eu em seu coração. Isto significa, para ir direto ao assunto, que no “contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se converte em um projeto reflexo” (Giddens, 1995) ou, se quisermos, o eu está sempre se constituindo por meio de reformulações que põe em jogo a sua identidade. Na modernidade radicalizada em que vivemos, relacionamo-nos problemáticamente com nossa identidade e isso por razões intrínsecas ao sistema social no qual nos situamos. Estamos todo o tempo efetuando, graças aos mais variados meios que são postos a nossa disposição, uma interrogação que abarca o presente do eu mediado pelo passado e visando o seu futuro.

Vejam os exemplos para dar concretude a esse processo e, ao mesmo tempo, para aproximar a discussão de um assunto que é caro aos psicanalistas: as relações amorosas. Sabemos que estas não podem mais ser realizadas no eixo de interações que era garantido pelas condições tradicionais de sociabilidade. Nosso amor, nascido do contexto moderno que deu origem ao amor romântico, no qual a questão da intimidade se resolve num movimento da liberdade do indivíduo em busca de auto-realização - termos para os quais não encontraríamos uso próprio no espaço social tradicional antes aludido - tende hoje ao que Giddens chama de relacionamento puro. A relação pura não é nunca determinada por fatores externos a ela, como, por exemplo, os econômicos, mas, é motivada e mantida por razões oferecidas pelos próprios atores na medida em que eles são os seus constituintes e a sua satisfação é a meta final da relação. Como ficam neste caso os processos reflexivos do eu ao qual fizemos menção?

É fácil verificar que a relação pura é inteiramente organizada pela reflexividade. Na medida em que ela deve, por assim dizer, ser construída pelos parceiros, sua monitoração reflexiva é imediata e constante. Os amantes estão sempre envolvidos com questões do tipo: “como estão indo as coisas em nossa vida; será que isso tem realmente a ver comigo; como corrigir esse acontecimento; por que vivi tal coisa assim; etc...?” Questões tais como essas, próprias à relação pura, permitem-nos perceber o quanto a posição reflexiva é constituinte do eu em situação amorosa. Cada uma dessas indagações põe o eu do sujeito em causa e lança-o para o futuro desde a resposta que será dada a elas.

Neste ponto, podemos introduzir diretamente a questão do papel da psicanálise no mundo moderno. Ela é

uma disciplina e uma prática que ocupa um lugar destacado no interior de nossa modernidade em função de suas características mesmas: ela contribui para o aprofundamento da necessária reflexividade social, mas, fazendo-nos desde um ponto de vista próprio, que não deve ser confundido com uma mera reprodução em nível do sujeito do sistema social como um todo.

Recorramos novamente a um exemplo não sem antes firmar nossa concepção da psicanálise. Para nós, ela estuda e lida com as estruturas da interação humana determinadas pela pulsão e com os modos de formação da subjetividade implicados naquelas: o inconsciente funcionando como um resto pulsional ativo daquilo que não pode ser integrado ao andamento auto-consciente do sujeito e que, em razão disso, volta sob diversas formas conhecidas pelo psicanalista tais como o sintoma, etc...

A psicanálise tem acesso ao mundo pulsional inconsciente por meio do método psicanalítico garantido, no limite, pela utilização da sua regra fundamental: a associação livre. Aplicada ao discurso do sujeito, ela permite atingir os elementos aos quais se pode atribuir um papel de formação na constituição do sujeito e aos quais se coloca a questão de sua elaboração: mais do que a uma estrutura absoluta que nos comanda cegamente e para a qual não damos resposta, mas, apenas nos posicionamos inertes onde ela nos situa, o indivíduo em análise é posto na situação de poder integrar interpretativamente o que lhe chega, pois ele está em condições de reescrever o sentido de sua história a partir do que vai se evidenciando de sua formação, agora não afastado dela, mas tornada presente. O momento reflexivo é constituinte da psicanálise não no plano de seu método, mas no ciclo receptivo que ela produz, no movimento

descontínuo de apropriação e elaboração do inconsciente.

Como unir essa caracterização sumária com o que foi afirmado antes? Como aproximar a forma de funcionamento da psicanálise com a situação reflexiva do homem moderno? No exemplo que escolhemos para tipificar um dos recortes de nossa modernidade, a relação pura, podemos vislumbrar o quanto a consideração pelo que se faz entra em jogo no próprio fazer dos sujeitos que buscam quotidianamente consolidar o amor. Vejamos agora uma das ligações possíveis com a clínica psicanalítica. Nada melhor, nesse sentido, do que evocar o criador da psicanálise.

Todos os leitores de Freud devem recordar dos seus estudos relativos à impossibilidade, sobretudo masculina, em unir amor e sexualidade, fato que sabemos, acarreta sérias dificuldades de relacionamento aos indivíduos em razão das questões que põe em jogo, como a do reconhecimento mútuo, conduzindo, no limite, à impotência psíquica. Lembremos rapidamente como ele em seu texto sobre “Uma tendência universal à depreciação na esfera do amor” descreve a questão. Impossibilitado de manter tudo o que a sexualidade implica na pessoa que escolheu, o homem, sob o efeito da interdição edípica, separa aquilo que estava a ele unido na origem e que lhe dera a matriz da escolha atual, e vê surgir o seu desejo desimpedido e renovado somente junto às mulheres que lhe aparecem, de algum modo, degradadas.

Na análise, no contexto da relação pura, isso surge freqüentemente como o sentido para o qual tende, incessantemente, o relacionamento amoroso desligado da sexualidade, pois sabemos que esta tem a propriedade de fazer surgir, anunciar, o ciclo do amor na sua renovação. Assim, irrompe uma das dores que acaba sempre por ser gerada no desencontro sexual.

Na clínica psicanalítica, em contato com o seu discurso na implicação transferencial, o sujeito faz aparecer, dá visibilidade, aos restos inconscientes advindos da estrutura de interação posta em jogo. Isto permite que seja montada, gradativamente, uma espécie de lógica das suas escolhas objetivas, não apenas no sentido da direção tomada por elas, mas também daquilo que elas pressupõem para se constituir. Justamente, no exemplo retirado de Freud, patenteia-se tanto a direção materna do investimento sexual, como o modo de constituição deste e aquilo que ele pressupõe: a conotação degradada que invade o objeto está diretamente ligada à “superação” da interdição edípica. Se esta modalidade de superação com tudo o que ela pressupõe for mediada e modificada, a qualidade que tinge o objeto não surgirá mais como necessária.

Esta mediação não deve ser entendida no sentido intelectualista, pois a aproximação daquilo que chamamos lógica do objeto envolve a emocionalidade, a valoração existencial da relação, em suma, nossa posição total frente a ele. Esta aproximação não é instantânea: constitui-se num processo integrado, gradativamente, ao campo do sujeito pela retomada reflexiva que o encaminha para seu projeto futuro. Podemos ver assim, que a psicanálise opera um círculo reflexivo que é complementar ao andamento do homem moderno de hoje, porque ela põe em marcha um movimento que é inerente ao nosso mundo. Somente há de ser ressaltado que ela o faz de um ponto de vista próprio, ocupado com a dor que a interação humana, a cada momento, faz aparecer. E esta ocupação, esta clínica, lhe é própria. Nem a psiquiatria e as suas disciplinas de apoio estão aptas para este olhar e tratamento. Nenhuma delas pode entrar, tão próximo ao homem, no coração da modernidade.

Como nos diz Giddens, a importância específica da psicanálise “é que ela proporciona um ambiente e uma base de recursos teóricos e conceituais para a criação de uma narrativa reflexivamente ordenada do eu [de acordo com a qual] os indivíduos são capazes em princípio de conduzir o seu passado ‘de acordo’ com as exigências do presente, consolidando um enredo emocional com o qual eles se sentem relativamente satisfeitos” (Giddens, 1992).

Se quisermos, apenas para cunhar um nome, esta visão, digamos, hermenêutica da psicanálise, encontra no mundo moderno uma espécie de prova indireta de sua imprescindibilidade: Freud não ajudou apenas a entender a alma humana; caminhou, em nosso tempo, junto a ela.

Referências Bibliográficas

- GIDDENS, A. (1991). As consequências da Modernidade. São Paulo, UNESP.
- GIDDENS, A.(1992) As transformações da Intimidade. São Paulo, UNESP.
- GIDDENS, A. (1995). Modernidad e identidad Del yo. Barcelona, Ediciones Península.

Contatos: Universidade Presbiteriana Mackenzie
Faculdade de Psicologia
Departamento de Psicologia Geral e Comportamental – Prédio 16
Rua Itambé, 145 – Higienópolis
01239-902 São Paulo – SP